

SAÍDA A SÃO BERNARDO - PALMEIRAS SORTIE A SÃO BERNARDO - PALMEIRAS

Louis FAYOLLE, David & Monique MAURENT, Isabelle OBSTANCIAS

Ei-nos aqui, segunda-feira, 18 de julho de 1994, enfim amontoados na Toyota azul da ORSTOM, na estrada para São Bernardo I. Como de hábito, a partida não se faz facilmente, pelo menos para alguns. Contudo, há também aqueles, que, como Dulce e Jô, frescas e alegres, sorriso nos lábios, prepararam a comida para toda a equipe. Quando elas fizeram suas mochilas? Mistério, e ainda por cima elas têm tudo que lhes é necessário, e em mochilas que não são enormes. Há também o oposto, Isabelle, por exemplo, que nunca está com a mochila pronta, que sempre esquece alguma coisa e que resmunga sempre de manhã com todos.

Na Toyota, com o bigode à frente, o chapéu enfiado na cabeça, Louis agarra-se ao volante e, com o olhar fixo sobre a interminável faixa poeirenta da estrada que segue ao longo do vale ortoclinal, tentando evitar os buracos. Os privilegiados, amontoados sobre os assentos, admiram à esquerda as longas falésias dos platôs de arenito vermelho e, do outro lado, os calcários negros ruiformes, além de toda a extraordinária vegetação de savana tão espantosamente diversificada. Quanto aos infelizes que estão na caçamba, eles se assemelham aos feijões saltadores do México e tem somente por paisagem a poeira do caminho. Saímos da pista principal passando pelo portal onde está inscrito: Fazenda Evangelista proibido caça e pesca. Deixamos o carro na proximidade das primeiras casas. Curiosas, mas tímidas, as crianças saíram, mas não ousaram se aproximar. Terminamos de encher as mochilas e pegamos a estrada. Contornamos um pasto cercado, atravessamos uma barreira, um rebanho de bois, e continuamos até uma trilha íngreme. Parada para pipi para Jô, Monique e Isabelle, aguardadas de longe por David. Continuamos a trilha, e quando ficou um pouco mais plana, pegamos uma outra trilha à esquerda.

Nous voici, le lundi 18 juillet 1994, enfin entassés dans le Toyota bleu délavé de l'ORSTOM, en route pour São Bernardo I. Comme d'habitude, le départ ne s'est pas fait sans mal, du moins pour certains. Bien sûr, il y a aussi celles qui, comme Dulce et Jô, fraîches et pimpantes, le sourire aux lèvres, ont préparé la nourriture pour toute l'équipe. Quand ont-elles fait leurs sacs ? Mystère, et en plus elles ont tout ce qu'il leur faut, et dans des sacs qui ne sont pas énormes. Il y a aussi l'opposé, Isabelle par exemple, qui n'a jamais son sac prêt, qui oublie toujours quelque chose et qui grogne toujours le matin. Avec bien entendu tous les intermédiaires.

Dans le Toyota, la moustache en bataille, le chapeau vissé sur le crâne, Louis s'accroche au volant et, le regard fixé sur l'interminable ruban poussiéreux de la route qui court le long de la vallée orthoclinale, essaie d'éviter les trous. Les privilégiés, tassés sur les sièges, admirent les longues falaises des plateaux de grès rouge, s'ils sont à gauche, les calcaires noirs ruiformes, s'ils sont de l'autre côté, et tous cette extraordinaire végétation de savane arborée, si étonnamment diversifiée. Quant aux malheureux qui sont dans la benne, ils ressemblent aux haricots sauteurs du Mexique et n'ont pour tout paysage, que la poussière du chemin. Nous quittons la piste principale en passant le portail où est inscrit : Fazenda Evangelista chasse et pêche. Nous laissons la voiture à proximité des premières maisons. Curieux mais timides, les enfants sont sortis, mais n'osent s'approcher. Nous finissons de remplir les sacs et en route. Nous contournons un pré clôturé, traversons une barrière, un troupeau de zébus, et continuons jusqu'à une grimpette. Arrêt pipi pour Jô, Monique et Isabelle, attendues de loin par David. Nous continuons le sentier Quand il est un peu plus plat, nous empruntons, à gauche, une amorce de sente.

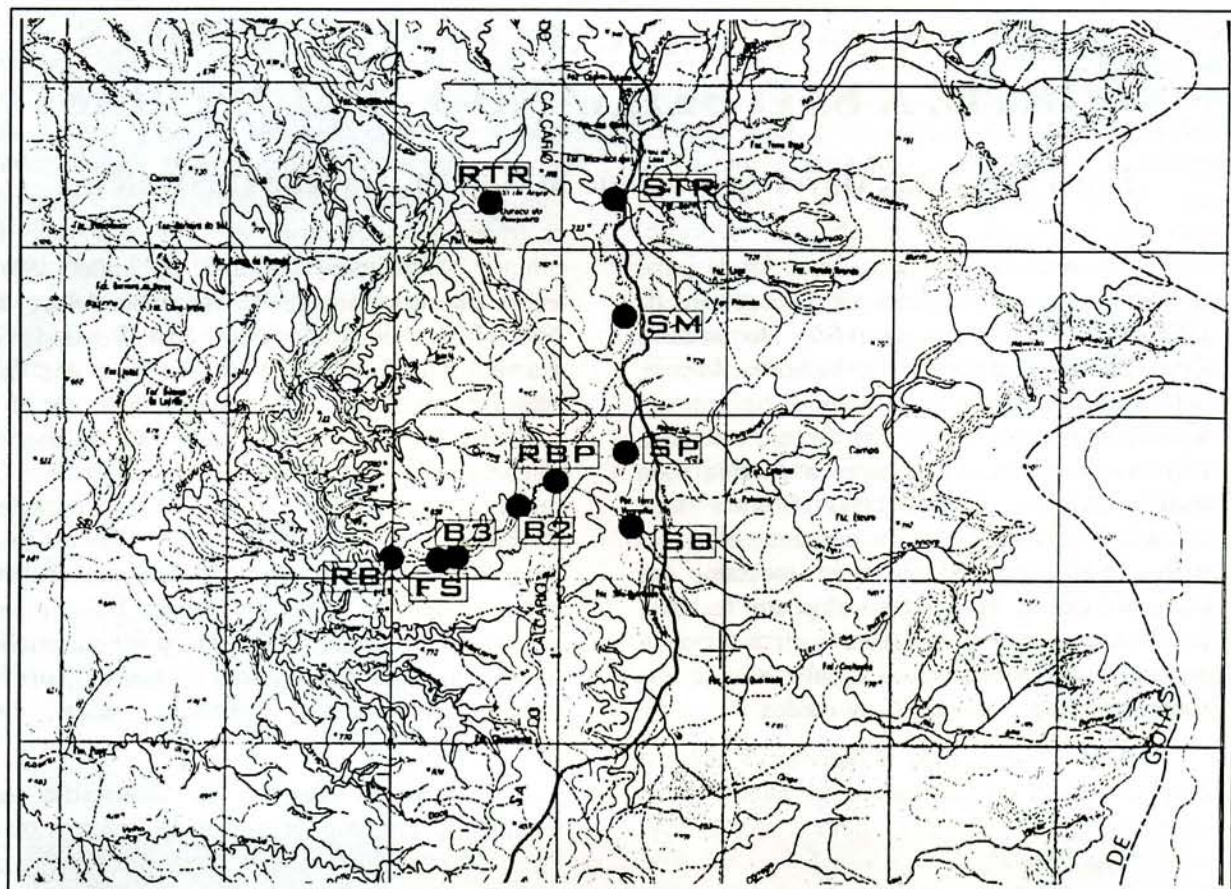


Fig. 29 : Mapa de localização das cavernas dos sistemas São Bernardo - Palmeiras e Terra Ronca - Malhada / Carte de situation des cavernes des systèmes São Bernardo - Palmeiras e Terra Ronca - Malhada [SB=Sumidouro do Rio São Bernardo, SP=Sumidouro do Rio Palmeiras, RBP=Ressurgência do Sistema São Bernardo I, B2=São Bernardo II, B3=São Bernardo III, FS=Lapa da Foufoune Seca, RB=Ressurgência do Rio São Bernardo, SM=Sumidouro do Córrego Malhada, STR=Sumidouro do Rio da Lapa (Terra Ronca), RTR=Ressurgência do Rio da Lapa].

Ela está meio escondida no meio dos arbustos, mas felizmente Jô permite-nos chegar à borda do desabamento que dá acesso ao rio. Empreendemos a descida; no nível dos primeiros blocos, sob um leito de folhas secas, uma cobra verde, de aproximadamente 50 cm, passa entre as pernas de David e esconde-se rapidamente em um buraco de rocha (Qual dos dois teve mais medo?). A descida continua, mesmo com o forte declive, muito desmoroamento, atravancado de troncos, de ramos e de folhas. Muito ocupados por esta descida escabrosa, foi somente à beira da água que constatamos a ausência dos outros que deveriam nos ter precedido. Estarão eles já no bivaque? Eles terão provavelmente perdido a ramificação e continuado pelo alto do platô. Jô decide tomar a sair para procurá-los.

Elle est très mal tracée au milieu des arbustes. Heureusement Jô nous sert de guide jusqu'au bord du gouffre d'effondrement qui donne accès à la rivière. Nous entamons la descente ; au niveau des premiers gros blocs, sous un lit de feuilles sèches, un serpent vert, de 50 cm environ, part entre les jambes de David et se cache rapidement dans un trou de rocher (Qui a eu le plus peur des deux ?). La descente se poursuit malgré la forte pente, très ébouleuse, encombrée de troncs, de branches et de feuilles. Très occupés par cette descente épineuse, ce n'est qu'au bord de l'eau que nous constatons l'absence des autres qui auraient dû nous précéder. Sont-ils déjà au bivouac ? Ils ont plus probablement raté l'embranchement et continué vers le haut du plateau. Aussi Jô décide de ressortir les chercher.

David, sempre solícito e galante apressa-se a acompanhá-la. De fato, eles reencontram nossos extraviados que desceram após terem admirado a vista acima da reborda do platô, e terem percebido que o objetivo estava um pouco ultrapassado. Durante este tempo, Isabelle se oferta uma pequena medida de gás carbônico: 0,07%. Enfim, todo mundo está reunido. Os reatores acesos, atravessamos o rio pela primeira vez. A corrente é bastante violenta, os seixos muito escorregadios, e os tornozelos são frequentemente colocados a dura prova. Seguimos pela margem esquerda até o fim da primeira curva e lá começam, enfim, as negras moradas subterrâneas...e as verdadeiras dificuldades. É preciso atravessar o rio várias vezes para ir ao bivaque, e o problema é não molhar os sacos de dormir e a comida, mais ou menos bem embalados. Certos lugares bastante profundos e algumas escaladas acrobáticas acima da água, causam alguma balbúrdia. Felizmente, alguns, Jô e Louis sobretudo, conhecem bem as passagens. É agradável ter alguém que te mostra o local mais fácil para passar e que te dá uma mão, ainda por cima. Nas nossas cavernas verticais, onde circulamos um a um, e rapidamente, para não ter frio, esquecemos um pouco o prazer de ser uma equipe. O bivaque, entulhado de escorrimentos sobre as quais verte o creme chantilly, é um vasto alargamento no acamamento sobre um barranco de seixos consolidados, recobertos de uma espessa camada de areia fina e seca. O calcário é muito preto e muito cristalizado. As concreções e a areia claras, assim como os restos do revestimento avermelhado, muito resistente, colado sobre o leito de sílex e sobre o teto, fazem deste local um lugar muito alegre e muito agradável.

Esvaziamos as nossas mochilas, comemos e partimos todos para o confluente. Lá, Jô escolhe as duas equipes: ela leva Rômulo, Rommy, Vincent e Monique para o Palmeiras, pois este tem menos corrente. David enche Jô de recomendações, não deve afogar Monique, não deve deixá-la sozinha, deve..., deve.... Em seguida Isabelle faz a mesma coisa por Vincent, que Jean-Loup confiou pessoalmente aos seus cuidados. É ali que nós descobrimos que Jean-Loup confiou pessoalmente seu "menino" a cada membro do grupo!!!

David, toujours serviable et galant s'empresse de l'accompagner. Effectivement, ils retrouvent nos égarés qui redescendent après avoir admiré la vue depuis le rebord du plateau, et s'être aperçus que l'objectif était un peu dépassé. Pendant ce temps, Isabelle s'offre une petite mesure de gaz carbonique : 0,07 %. Enfin, tout le monde est réuni. Les lampes allumées, nous traversons le rio pour la première fois. Le courant est assez violent, les galets très glissants, et les chevilles souvent mises à rude épreuve. Nous suivons la rive gauche jusque après le premier virage et là commencent enfin les noirs séjours souterrains... et les vraies difficultés. Il faut traverser assez souvent la rivière pour aller au bivouac, et le problème est de ne pas mouiller les duvets et la nourriture, plus ou moins bien emballés. Certains endroits assez profonds, quelques escalades acrobatiques, au dessus de l'eau, causent quelques tracas. Heureusement, certains, Jô et Louis surtout, connaissent bien les passages. Il est agréable d'avoir quelqu'un qui vous montre l'endroit le plus facile pour passer et qui vous donne un coup de main en plus. Dans nos gouffres verticaux où nous circulons un à un, et vite pour ne pas avoir froid, nous avons un peu oublié le plaisir d'être une équipe. Le bivouac, entouré de pièces montées sur lesquelles coule la crème chantilly, est un vaste élargissement en joint de strate, sur un talus de galets indurés, recouvert d'une épaisse couche de sable fin et sec. Le calcaire est très noir et très cristallisé. Aussi, les concrétions et le sable clairs, ainsi que les restes de cet enduit rougeâtre, très résistant, collé sur les lits de silex et sur le plafond, font de cet endroit, un lieu très gai et très agréable.

Nous vidons les sacs, nous mangeons et partons tous vers le confluent. Là, Jô décide des deux équipes : elle emmène Rômulo, Rommy, Vincent et Monique dans Palmeiras, car il y a moins de courant. David accable Jô de recommandations, il ne faut pas noyer Monique, il ne faut pas la laisser seule, il faut ..., il faut Puis Isabelle fait la même chose pour Vincent que Jean-Loup lui a confié personnellement. C'est là que nous découvrons que Jean-Loup a confié personnellement son « petit » à chaque membre du groupe !!!

Após a travessia deles (fiscalizada), nós nos organizamos. Dulce e Maguinho partilham as visadas e a bússula nova de Isabelle (a tratar com consideração pois é um velho sonho de 25 anos enfim realizado. E sobretudo: Não jogá-lo na água, sob pena de ser massacrado!). Louis anota, Isabelle desenha, David dirige as operações do fim da trena e todo mundo suja os dedos com a pintura vermelha; Dulce irá experimentá-la também como tintura de cabelo e maquiagem.

Do ponto A65, indicado por Jô, à beira da água, iniciamos a topografia do salão fóssil da margem esquerda com os Z, do mesmo modo que a galeria fóssil adjacente. Após uma ligeira dispersão, a equipe pega o seu ritmo de cruzeiro e progride apreciando a paisagem, cada um segundo seus gostos: represa de travertinos, pérolas brilhantes de toda beleza, perspectivas insólitas acima do rio, desmoronamentos do solo que revelam preenchimentos acamadados e pequenos seixos de quartzo polidos, estranhos, exênticos....

Com a poligonal terminada, partimos a jusante seguindo o rio. Após cinco ou seis pontos de topografia, Maguinho, seguro por uma trena, ousa atravessar para o pequeno patamar da margem direita, situado em frente ao desdobramento da galeria principal. Escalada de dois metros e Uff!, não somos obrigados a segui-lo, está obstruído. Visada... e admiramos, como conhecedores, o retorno do batedor.

Continuamos nossa topografia na margem esquerda, somente incomodados pelos minúsculos insetos voadores que, nessa região, acompanham os rios subterrâneos. Não sei em que pensam os biólogos, mas para os topógrafos é torturante: eles reagrupam-se perto da chama do capacete diante do qual dançam sem se preocupar com suas trajetórias e formam uma espécie de nuvem que atrapalha a visão para além de dois metros. Para ver as paredes mais afastadas, é preciso retirar o capacete e levá-lo na mão. Eles tomam as cademetas por rинque de patinação e visitam - por sua própria conta e risco - os olhos, as orelhas, as narinas e as bocas desastrosamente abertas (nota para os biólogos: gosto neutro, qualidades nutritivas nulas).

Après leur traversée (surveillée), nous nous organisons. Dulce et Maguinho se partagent les visées et le compas tout neuf d'Isabelle (à traiter avec considération : un rêve vieux de 25 ans enfin réalisé. Et surtout : à ne pas jeter dans l'eau, sous peine de se faire massacrer !). Louis note, Isabelle dessine, David dirige les opérations du bout du décimètre et tout le monde se mettra de la peinture rouge sur les doigts. Dulce l'essaiera aussi comme teinture à cheveux et fard à pommette.

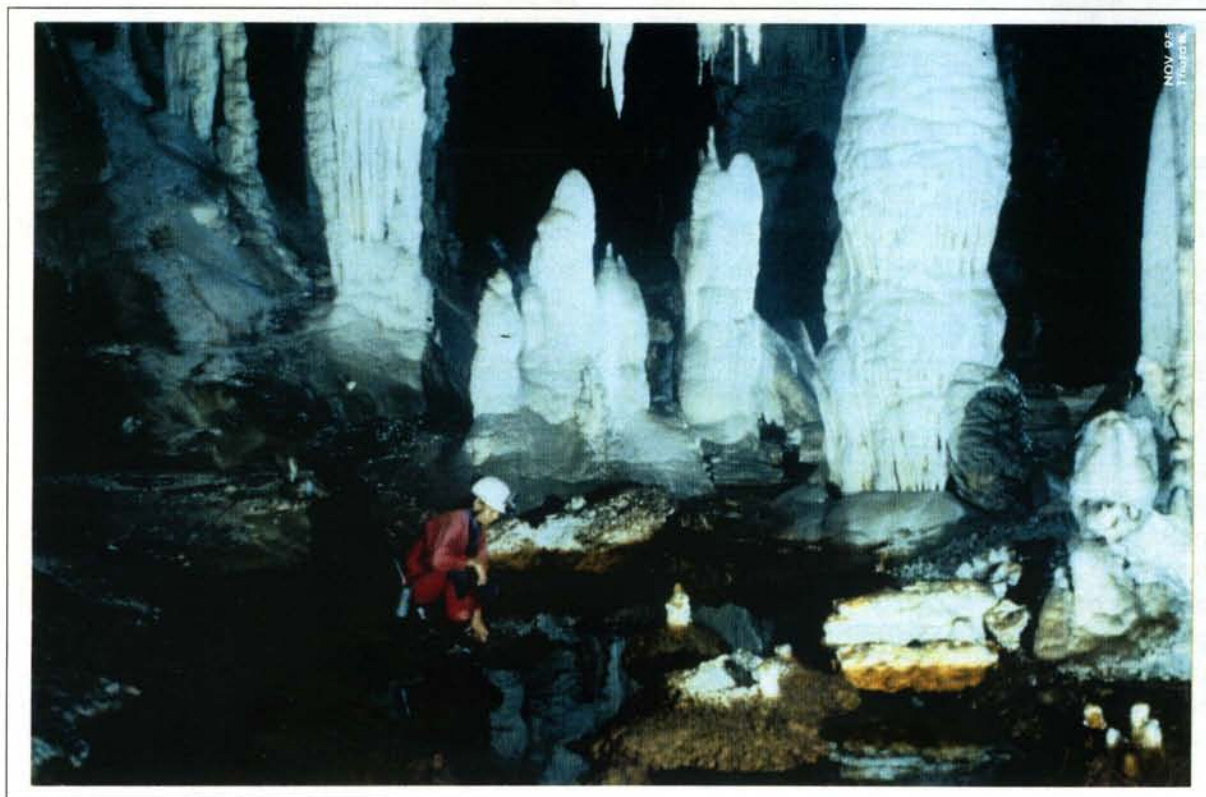
Du point A65, indiqué par Jô, au bord de l'eau, nous attaquons avec les Z, la topo du salon fossile de la rive gauche dont ce doit être le troisième arpentage, ainsi que de la galerie fossile qui lui fait suite. Après un léger rodage, l'équipe prend son rythme de croisière et progresse tout en appréciant le paysage, chacun selon ses goûts : gours étagés, perles brillantes de toute beauté, perspectives insolites au dessus de la rivière, effondrements du sol qui dévoilent des remplissages lités et de petits galets de quartz poli, bizarres excentriques....

Le bouclage terminé, nous partons vers l'aval en suivant la rivière. Cinq ou six points topo plus loin, Maguinho, assuré par le décimètre ose la traversée vers le petit porche de la rive droite, situé en face du dédoublement de la galerie principale. Escalade de deux mètres et ouf !, nous ne sommes pas obligés de le suivre c'est bouché. Visée... et nous admirons, en connaisseurs, le retour de l'éclaireur.

Nous continuons notre topographie sur la rive gauche, seulement gênés par les minuscules insectes volants qui dans cette région accompagnent les rivières souterraines. Je ne sais ce qu'en pensent nos biologistes, mais pour les topographes c'est la plaie : ils se regroupent près de la flamme du casque devant laquelle ils dansent sans s'occuper de leurs trajectoires et forment une espèce de nuage qui gêne la vision au-delà de deux mètres. Pour voir les parois éloignées, il faut retirer son casque et le tenir à bout de bras. Ils prennent les carnets pour des patinoires et visitent - à leurs risques et périls - les yeux, oreilles, narines et bouches malencontreusement ouverts (note pour les biologistes : goût neutre, qualités nutritives plutôt nulles).



Fotos / Photos 25 & 26 : Lapa do Bezerra / Grotte de Bezerra [Ezio Rubbioli].



Distintamente mais longe, após uma curva à esquerda, escalamos uns blocos e somos surpreendidos pelos pequenos gritos e agitações das andorinhas. Esses grandes andorinhões de vestimenta preta, gravata e peito brancos, com bico ligeiramente curvo, são gregários e insetívoros. Eles constroem seus ninhos, com a ajuda de sua saliva viscosa, nas entradas das cavernas. Não tendo nenhuma forma de se orientarem à noite, muito curiosos e pouco selvagens, eles seguem as luzes dos espeleólogos. Se eles se perdem, são condenados a morrer na caverna. Aqui, eles nos perceberam de longe, e gritando, tomam David por um poleiro de um novo gênero. Ele tem, portanto, a alegria de ter um andorinhão na mão e de acariciá-lo. Dulce também os agradeceu, mas seus ombros nus não apreciaram as garras dos pássaros. Após satisfazerem sua curiosidade, eles partiram para a entrada e seus ninhos. A pequena praia que segue termina na parede, sendo impossível continuar na margem esquerda. Para a última travessia, demo-nos as mãos. Um grande "animal" de dez patas corre menos risco de deslizar nos seixos e de ser levado pela correnteza sob os enormes blocos que encobrem toda a galeria. A escarpa, que mostra pelo menos dois níveis de escorrimientos, é realmente impressionante: os seixos, todos recobertos de limonita, estão consolidados de forma inacreditável. É preciso algumas visadas para reencontrar a parede direita, desviando ao redor dos espeleotemas. Últimas estalagmites e atacamos os grandes blocos. A galeria alarga-se, o rio murmura invisível sob as enormes lajes de pedra; não vemos o outro lado. O último ponto de topografia está quase fora, sobre um rochedo coberto de musgo, ao pé de uma árvore de dez metros. É bonito de se ver através das ramagens, a lua e o azul aveludado desse céu austral onde cintilam misteriosas estrelas. Já passa há muito da meia noite, estamos todos cansados e falta o pequeno afluente da margem esquerda para topografar. É preciso voltar. Atravessamos de novo fazendo a festa, os dançarinos caem um pouco sobre Louis, que felizmente é estável. É a corrente que aumenta? Não, antes o cansaço que se faz sentir. Apesar disto, pouco antes da bifurcação onde o rio é muito largo, Dulce sobe entre uma massa estalagmítica erodida e o rochedo.

Nettement plus loin, après un virage à gauche, nous escaladons des blocs et sommes surpris par les petits cris et les frôlements des hirondelles. Ces grosses hirondelles en habit noir, cravate et plastron blancs, au bec légèrement crochu, sont grégaires et insectivores. Elles construisent leurs nids, à l'aide de leur salive visqueuse, dans les entrées des grottes. Bien que n'ayant aucun moyen de se diriger dans le noir, très curieuses et peu sauvages, elles suivent les lumières des spéléos. Si elles les perdent, elles sont condamnées à mourir dans la grotte. Ici, elles nous ont aperçus de loin, et tout en piaillant, elles prennent David pour un perchoir d'un nouveau genre. Il a donc la joie de tenir un andorinhão dans la main et de le caresser. Dulce aussi leur plaît, mais ses épaules nues n'apprécient guère les griffes des oiseaux. Puis, leur curiosité satisfaite, elles repartent vers l'entrée et leurs nids. La petite plage qui suit, finit contre la paroi, impossible de continuer en rive gauche. Pour la dernière traversée, nous nous tenons tous par la main. Une grosse « bête » à dix pattes risque moins de glisser sur les galets et de partir avec le courant sous les énormes blocs qui encombrant toute la galerie. Le talus, qui montre au moins deux niveaux de surcreusement, est vraiment impressionnant : les galets, tous recouverts de limonite, sont soudés de façon incroyable. Il nous faut quelques visées pour rejoindre la paroi de droite, en tournant autour des concrétions. Les dernières stalagmites et nous attaquons les gros blocs. La galerie s'est élargie, la rivière gronde, invisible sous les énormes dalles de pierre. Nous ne voyons pas l'autre côté. Le dernier point topo est à peine dehors, sur un rocher moussu, au pied d'un arbre de dix mètres. C'est joli de voir, à travers les branchages, la lune et le bleu velouté de ce ciel austral où scintillent de mystérieuses étoiles. Minuit est passé depuis longtemps, nous sommes tous fatigués et il reste le petit affluent de la rive gauche à topographier. Il faut repartir. Nous retraversons en faisant la farandole, celle-ci d'ailleurs se tasse un peu sur Louis qui heureusement est stable. Est-ce le courant qui augmente ? Non, plutôt la fatigue qui se fait sentir. Malgré cela, peu avant le carrefour où la rivière est très large, Dulce grimpe entre une coulée stalagmitique érodée et le rocher.

Ela é rapidamente seguida por David e Louis. Eles nos dizem que há um salão. Maguinho faz um movimento vago para juntar-se a eles, mas Isabelle acha que, já que é a "première", precisará de qualquer forma ir topografar. E continua!!! Subitamente estamos bem despertos. É contudo um sonho: fazer a estréia topografando-a! Empoleiramo-nos sobre o ponto Z32, subimos na cascata estalagmítica e chegamos, através de um desmoronamento, a uma pequena sala ornamentada. David vai dar uma volta numa passagem atrás dos espeleotemas e encontra-se num balcão acima do rio. Maguinho passa do outro lado do desmoronamento, mas não diz nada. É realmente necessário que, para a próxima vez, aprendamos o português: os comentários morfológicos são impossíveis com o pouco vocabulário de que dispomos. E conseguimos, no entanto, olhar esta pequena lâmina acima da nossa chegada: calcário finamente acamadado e intercalado com o nível sílex, traços de antigas ondas de erosão, fratura lisa, ainda que antiga, e, ao lado, o bloco correspondente totalmente desaparecido, areias finas, acamadadas e compactadas, cascalhos arredondados de quartzo, pelo menos três séries de concrecionamento... Quanta coisa a ver, a descrever, a interpretar e falta-nos tempo... A continuação é uma via nobre: passamos uma porta de montante esculpido, uma massa estalagmítica e uma grande coluna. Entramos num canto do qual, antes de mais nada, parece-nos um vasto salão. Escavado na areia, um leito seco de drenagem, largura de um metro e profundidade de vinte e cinco centímetros, onde as marcas de onda nos indicam que ela sai pela porta, parecendo vir do canto esquerdo do salão. Puxamos então a trena desse lado. As fileiras de pequenas estalagmites parecem montar guarda entre a parede e a drenagem, que vira preguiçosamente à direita. Vamos de qualquer forma dar uma olhada na pequena galeria do canto. De uma altura de um metro e quarenta aproximadamente, muito ornamentada, ela possui vários alargamentos. Os únicos pontos consideráveis são os montes de guano muito secos. Não vemos nem os morcegos nem os guanófilos. Então, continuamos seguindo a parede. Passamos ao lado de dois declives de areia muito fina, finamente acamadadas e compactadas

Elle est très vite suivie par David et Louis. Ils nous disent qu'il y a une salle. Maguinho a un vague mouvement pour les rejoindre, mais Isabelle prétend que si c'est de la première, il faudra de toute façon aller topoter. Et : ça continue !!! Subitement, nous sommes bien réveillés. Et pourtant c'est un rêve : faire de la première en la topographiant ! Nous nous branchons sur le point Z32, nous grimpons sur la cascade stalagmitique et arrivons, au travers d'un effondrement, dans une petite salle concrétionnée. David va faire un tour dans un passage derrière les concrétions et se retrouve en balcon au dessus de la rivière. Maguinho passe de l'autre côté de l'effondrement, mais ne dit rien. Il faut vraiment que nous apprenions le brésilien pour la prochaine fois : les commentaires morphologiques sont impossibles avec le peu de vocabulaire dont nous disposons. Et pourtant, regardez cette petite lame au-dessus de notre arrivée : calcaire finement lité à niveaux de sílex, traces d'anciennes vagues d'érosion, cassure nette, quoique ancienne, sur le côté, le bloc correspondant ayant totalement disparu, sables fins, lités et indurés, gravillons arrondis de quartz, au moins trois séries de concrétionnement... Que de choses à voir, à décrire, à interpréter et que le temps nous manque... La suite est une voie royale : nous passons une porte aux montants sculptés, une coulée stalagmitique et une grosse colonne. Nous entrons dans l'angle de ce qui, tout d'abord, nous semble une vaste salle. Creusé dans le sable, un lit de ruisseau à sec, large d'un mètre et profond de vingt cinq centimètres, dont les rides de fond nous indiquent qu'il sort par la porte, semble provenir de l'angle gauche de la salle. Nous tirons donc la « trena » de ce côté. Des rangées de petites stalagmites semblent monter la garde, entre la paroi et le ruisseau qui tourne paresseusement à droite. Nous allons tout de même jeter un coup d'oeil dans la petite galerie de l'angle. D'une hauteur de un mètre quarante environ, très concrétionnée, elle a plusieurs élargissements. Les seuls points notables sont les tas de guano très secs. Nous ne voyons pas de chauves-souris, ni de guanophiles. Donc nous continuons en suivant la paroi. Nous passons à côté de deux talus de sables très fins ou limoneux, finement lités et indurés.

SISTEMA SÃO BERNARDO - PALMEIRAS



Fig. 30 : Topografia do Sistema São Bernardo - Palmeiras
Topographie du Système São Bernardo - Palmeiras [GOIÁS 94].

A fratura que corta a drenagem permite-nos ver bem.. A separação entre os dois é, por outro lado, um estreito cortado sem motivo aparente. Agora vemos bem que avançamos numa larga galeria, de teto bastante plano, de solo de areia fina ornamentada aqui e ali por maciços de colunas. Parecíamos estar numa galeria de museu, impressão reforçada por nosso passo lento, nossos olhares escrutadores e nossas tomadas de notas e de desenhos. O leito seco da drenagem é como um traço preguiçoso deixado por descuido por um visitante indolente e desconhecido. Apesar de tudo, no ponto Z55 estamos fatigados, e para grande alívio de todos, Dulce declara que se trata da última visada. Isabelle propõe irmos dar uma olhada, pois, se não restar mais de três pontos, será idiotice voltarmos amanhã. Colocamos o material sobre uma estalagmite, e pela primeira vez avançamos, o espírito livre, cada um à sua maneira.

Um admira um extraordinário tapete de pérolas, o outro, um grupo de estalagmites religadas ao teto por um único canudo, o terceiro descobre um desmoronamento no leito da drenagem e empenha-se em descer o quarto, comunicando-nos que este buraco, infelizmente sem continuação, mostra que o enchimento é mais espesso que os três metros descidos, o último, contendo-se para não correr e assim, saborear plenamente esses instantes mágicos. A abóboda abaixa-se ou, mais provavelmente, o solo levanta-se e vemos a claridade da lua nos blocos desmoronados no meio da galeria. Sem hesitar, Maguinho testa a solidez do desmoronamento, subindo-o agilmente, seguido pela equipe. Essa nova abertura está num desvio acima de um vale. Rapidamente tomamos a descer e passamos sob os blocos para tentar achar o prolongamento da galeria. A continuação não é evidente, mas existem passagens e a corrente de ar, mesmo mais fraca, é sempre perceptível. Como há mais de três visadas e uma continuação a procurar, viremos amanhã. Voltamos para dormir após termos recuperado nossos instrumentos

No acampamento, a primeira equipe instalou o dormitório e a cozinha. A infatigável Jô, sempre sorridente, prepara o jantar. O tempo de pendurar nossos macacões para secá-los, de tirar nossos pratos e está pronto.

La cassure franche côté ruisseau permet de bien voir. La séparation entre les deux est d'ailleurs une étroite tranchée à laquelle il ne semble pas y avoir de raison. Maintenant, nous voyons bien que nous avançons dans une large galerie, au plafond assez plat, au sol de sable fin, agrémentée çà et là de massifs de colonnes. On se croirait dans une galerie de musée, impression renforcée par notre pas lent, nos regards scrutateurs, et nos prises de notes et de dessins. Le lit du ruisseau sec est comme la trace paresseuse qu'un visiteur indolent et inconnu aurait laissée par mégarde. Malgré tout, nous sommes las, et au point Z55, au grand soulagement de tout le monde, Dulce déclare qu'il s'agit de la dernière visée. Isabelle propose d'aller jeter un coup d'oeil, car, s'il ne reste que trois points, ce serait idiot de revenir demain. Nous posons le matériel sur une stalagmite, et pour la première fois avançons l'esprit libre, chacun à sa fantaisie.

L'un admire un extraordinaire tapis de pisolithes, l'autre un groupe de stalagmites relié au plafond par une unique fistuleuse, le troisième découvre un effondrement dans le lit du ruisseau, que s'empresse de descendre le quatrième qui nous apprend que ce soutirage, hélas sans suite, montre que le remplissage est plus épais que les trois mètres descendus, le dernier se retient pour ne pas courir, et ainsi savoure pleinement ces instants magiques. La voûte s'abaisse ou, plus probablement, le sol s'élève et nous voyons la clarté de la lune sur des blocs effondrés au milieu de la galerie. Sans hésiter, Maguinho teste la solidité de l'empilement en y grimpant lestement, suivi par l'équipe. Cette nouvelle ouverture est en surplomb au dessus d'une vallée. Vite, on redescend et on passe sous les blocs pour essayer de trouver le prolongement de la galerie. La suite n'est pas évidente, mais il existe des passages et le courant d'air quoique plus faible est toujours perceptible. Comme il y a plus de trois visées et une suite à rechercher, nous reviendrons demain. Nous rentrons nous coucher après avoir récupéré nos instruments.

Au bivouac, la première équipe a installé le couchage et la cuisine. L'infatigable Jô, toujours souriante, prépare le repas du soir. Le temps d'accrocher nos combinaisons pour les faire sécher, de sortir nos gamelles et c'est prêt.

Mal conseguimos acordar Vincent, que possui hábitos horários mais decentes para se alimentar. Entre duas garfadas, narramos nossas respectivas aventuras, sem muito problema, graças às traduções de Rommy. A primeira equipe experimentou a maldade da 'cobra' do rio Palmeiras que abocanhou selvagememente uma folha cheia de notas no momento em que Vincent a passava a Jô, e engoliu-a e digeriu o mais rápido do que o necessário. Eles estão portanto, condenados a refazerem essas visadas. Rommy, por ocasião de uma pausa nas traduções, adormece atravessado no seu isolante. Monique, maternal, lembra-o para que ele se deite no saco de dormir e não sinta frio. Ele nos pergunta se é para o café, e para nosso grande espanto, declara-nos que é absolutamente impossível dormir sem café, tomando a mergulhar imediatamente nos braços de Morfeu... sem café! Também temos os olhos pesados de sono.

As sombras das vestimentas, agitadas pelas nossas chamas vacilantes, criam nas paredes um ballet de morcegos fantásticos que nos conduzem ao país dos sonhos. No reino da noite eterna, com o murmuro regular do Styx (rio dos inferos) como canção de ninar, poderíamos ter dormido até nos fartar. Mas, por falta do sol triunfante, é o discreto David, que desde às sete horas da manhã dedica-se a misteriosas ocupações, e que, do chiar do reator de carbureto ao tilintar das painéis, vai enfim nos tirar dos sacos de dormir. Café da manhã e então partimos: Jô e sua equipe vão refazer as visadas engolidas pelo rio antes de nos reunirmos e nós vamos retomar a topografia em Z55.

Retomamos então nossas medidas até a nova abertura. Louis e David, saindo, são surpreendidos por um barulho impressionante; trata-se do revoar de vários papagaios que gritam sua indignação por terem sido incomodados por estes dois demônios saindo de seu buraco num lugar tão calmo e solitário. Os dois perturbadores serão os únicos a apreciarem seus coloridos chamativos durante o tempo de vôo até as árvores em frente. Depois eles construíram uma grande pirâmide de pedra para que a entrada possa ser notada do exterior. Estamos no alto e à esquerda da saída jusante do rio.

Nous avons du mal à réveiller Vincent qui a l'habitude d'horaires plus décents pour se nourrir. Entre deux bouchées, nous narrons nos aventures respectives, sans trop de problème, grâce aux traductions de Rommy. La première équipe a essuyé la malignité du cobra des Palmeiras qui a sauvagement happé une feuille pleine de notes au moment où Vincent la passait à Jô et l'a engloutie et digérée plus vite qu'il n'eût fallu. Ils sont donc condamnés à refaire ces visées. Rommy, lors d'une pause dans les traductions, s'endort en travers de son matelas. Maternelle, Monique le réveille pour qu'il se couche dans son duvet et n'attrape pas froid. Il nous demande si c'est le café, et à notre grande stupéfaction, nous déclare qu'il lui est absolument impossible de dormir sans café. Puis il replonge illico dans les bras de Morphée... sans café ! Nous aussi avons les yeux lourds de sommeil.

Les ombres des vêtements, agitées par nos flammes tremblotantes, créent sur les parois un ballet de chauves-souris fantastiques qui nous mènent au pays des rêves. Au royaume de la nuit éternelle, avec le bourdonnement régulier du Styx (fleuve des enfers) comme berceuse, nous eussions pu dormir tout notre soul. Mais, à défaut de soleil triomphant, c'est le discret David qui, dès sept heures du matin, vaque à de mystérieuses occupations et qui, de chuintement de lampe à carbure en tintements de gamelles, va enfin nous tirer des duvets. Petit déjeuner et nous voilà partis : Jô et son équipe vont refaire les visées avalées par la rivière avant de nous rejoindre. Nous allons reprendre la topo au Z55.

Nous reprenons donc nos mesures jusqu'au nouveau porche. Louis et David, en sortant, sont surpris par un bruit impressionnant ; il s'agit de l'envol de plusieurs perroquets qui crient leur indignation d'avoir été dérangés par ces deux diables sortant de leur trou, dans un lieu si calme et solitaire. Les deux empêcheurs de caqueter en rond seront les seuls à apprécier leurs couleurs chamarrées, durant le temps de vol jusqu'aux arbres d'en face. Puis ils construisent un grand cairn pour que le porche puisse être repéré de l'extérieur. Nous sommes en hauteur et sur la gauche de la sortie aval de la rivière.

Pomos-nos, então, a procurar acima, abaixo, dentro, entre os blocos, mas não passamos, apesar da corrente de ar. Talvez teria sido necessário procurar no exterior: a galeria passa tão perto da encosta que é muito provável ter um outro acesso. Por outro lado, a drenagem seca da galeria vem, após uma considerável difluência de um meandro bem pequeno escavado na linha do teto, sobre o escorrimento. Dulce, com suas costas nuas, vai olhar por dentro, ela faz 10/15 metros. Maguinho segue-a e, dling-dling as estalactites: ele tem os ombros muito largos ... e um macacão. Parada num estreitamento, não lá nenhuma corrente de ar.

Enfim, resignamo-nos a voltar. David impõe-nos uma poligonal na galeria, sob o doce pretexto de que ela é larga. Se reclamamos desse momento, a desenhista só pode abençoá-lo no momento do detalhamento. Se a margem direita - em relação à drenagem seca - é principalmente arenosa, a margem esquerda é muito calcificada: colunas, maciços, micro-travertinos, marquises, tapete de pérolas... A corrente de ar passa principalmente no centro e à direita.

É preciso assinalar que a areia é frequentemente compactada ao redor da cavidade, algumas vezes mesmo calcificada no interior. Estamos quase no fim da galeria quando Jô e Rômulo se reúnem a nós. Eles vão visitar a galeria enquanto nós vamos reencontrar Monique, Vincent e Rommy na grande praia ao pé da galeria fóssil que topografamos ontem. Olhando o teto, vemos que essa galeria continua acima do rio, recebe um afluente e, após a confluência, dirige-se direto sobre nossa galeria de primeira. Isabelle está furiosa por não ter visto isto ontem.

Enfim Jô, Dulce, Rômulo e Maguinho vão topografar o pequeno afluente que não fizemos ontem, enquanto os mais velhos e os mais jovens voltam para se restabelecerem no acampamento. A comida é preparada à base de "lyophals" (comida liofilizada); preparamos as mochilas e esperamos.

Isso dá-nos tempo de voltar a dar uma olhada, um pouquinho a jusante, nessa esplêndida galeria que, com doze metros de altura, parece estar cortada pela galeria principal.

Nous nous mettons donc à fouiller sur, sous, dans, entre les blocs, mais nous ne passons pas, malgré le courant d'air. Peut-être aurait-il fallu fouiller à l'extérieur : la galerie passe si près du versant qu'un autre accès est fort probable. D'autre part le ruisseau sec de la galerie vient, après une grosse diffluence, d'un tout petit méandre creusé aux dépens du plafond, sur le remplissage. Dulce, avec son dos nu, va voir dedans, elle avance d'une dizaine de mètres. Maguinho la suit et, diling-diling les stalactites : lui a des épaules plus larges... et une combinaison. Arrêt sur étroiture. Il n'y a aucun courant d'air.

Enfin, nous nous résignons au retour. David nous impose un bouclage dans la galerie, sous le doux prétexte qu'elle est large. Si nous avons grogné à ce moment, la dessinatrice n'a pu que le bénir au moment de l'habillage. Si la rive droite - par rapport au ruisseau sec - est principalement sableuse, la rive gauche, elle, est très calcifiée : colonnes, massifs, micro gours, planchers, tapis de perles.... Le courant d'air passe surtout au centre et sur la droite. Et même si nous ne le sentions pas, ici, il nous est loisible de le voir : depuis la « porte », sur le trajet du courant d'air, le sol, lorsqu'il est sableux et situé sous des stalactites - ce qui est fréquent - présente des trous allongés qui sont dus à la déviation des gouttes par le vent. Il faut signaler que le sable est souvent induré autour du creux, quelquefois même calcifié à l'intérieur. Nous sommes presque au bout de la galerie lorsque Jô et Rômulo nous rejoignent. Ils vont visiter la galerie pendant que nous allons retrouver Monique, Vincent et Rommy sur la grande plage au pied de la galerie fossile que nous avons topographiée hier. En regardant le plafond, on la voit bien continuer au dessus de la rivière, recevoir un affluent et, après le confluent, se diriger droit sur notre galerie de première. Isabelle est furieuse de ne pas avoir vu cela hier.

Enfin Jô, Dulce, Rômulo et Maguinho vont topographier le petit affluent que nous n'avons pas fait hier tandis que les plus vieux et les plus jeunes rentrent se restaurer au bivouac. La cuisine est expédiée à coup de lyophals, puis nous préparons les sacs et attendons.

Cela donne le temps de retourner jeter un coup d'oeil, un tout petit peu à l'aval, à cette splendide galerie qui, à douze mètres de haut, semble être tranchée par la galerie principale.

Os quatro corajosos chegam bem decididos a se alimentarem: a água escoa nas panelas, os fogareiros se acendem: não desperdiçaremos nem uma massa nem um grão de arroz. Isabelle, Monique, Vincent, Louis e David decidem sair tranquilamente para aproveitarem uns espetaculares ornamentos que o passo rápido do começo nos fez ignorar. À entrada da gruta, reagrupamos-nos ao redor de Louis, que reencontrou seu grande bastão, e que, tal como um pastor, deve levar-nos até o carro defendendo-nos das cobras. Mas engana-se rapidamente: cada passagem entre dois arbustos parece um bom caminho e andamos em círculo - ou em zigzags, um bom momento.

Isabelle decide, enfim, tomar as rédeas e leva o grupo à boca da caverna para se reorientarem. Seguida por Vincent, ela avança um pouco e deixa-o parado, terminando por reencontrar o caminho. Lá, agora é fácil voltar e procurar os outros. Reencontramos a Toyota com prazer. Prazer rapidamente amortecido, pois estamos com frio esperando os gulosos, que jamais saberão porque sua chegada nos deu tanto prazer. O retorno a São Domingos - sem problema - se faz preparando nossas bocas para contar nossas aventuras são bernardinas e, nossos ouvidos para escutar as outras ainda mais maravilhosas.

Les quatre courageux arrivent bien décidés à se sustenter : l'eau coule dans les gamelles, les réchauds s'allument : on ne ressortira ni une nouille ni un grain de riz. Aussi Isabelle, Monique, Vincent, Louis et David décident de sortir tranquillement pour profiter des superbes concrétions que l'allure rapide du début nous avait fait ignorer. A la lèvre du gouffre, nous nous regroupons autour de Louis, qui a retrouvé son grand bâton, et qui, tel un berger, doit nous mener jusqu'à la voiture en nous défendant contre les serpents. Mais c'est assez vite la déroute : chaque passage entre deux arbustes est le bon passage et nous tournons en rond - ou en zigzags - un bon moment.

Enfin Isabelle se décide à prendre les choses en main et ramène la troupe au bord du gouffre où les lumières feront un premier repère. Suivie de Vincent elle avance un peu et laisse celui-ci en jalon, et finit par retrouver le chemin. Là, c'est facile de retourner chercher les autres. Nous retrouvons le Toyota avec plaisir. Plaisir très vite mitigé car nous avons froid en attendant les gourmands qui ne sauront jamais pourquoi leur arrivée nous a fait tant plaisir. Le retour à São Domingos - sans problème - se fait en affûtant nos langues pour être prêts à raconter nos aventures São Bernardines et en préparant nos oreilles à en écouter de plus merveilleuses encore.

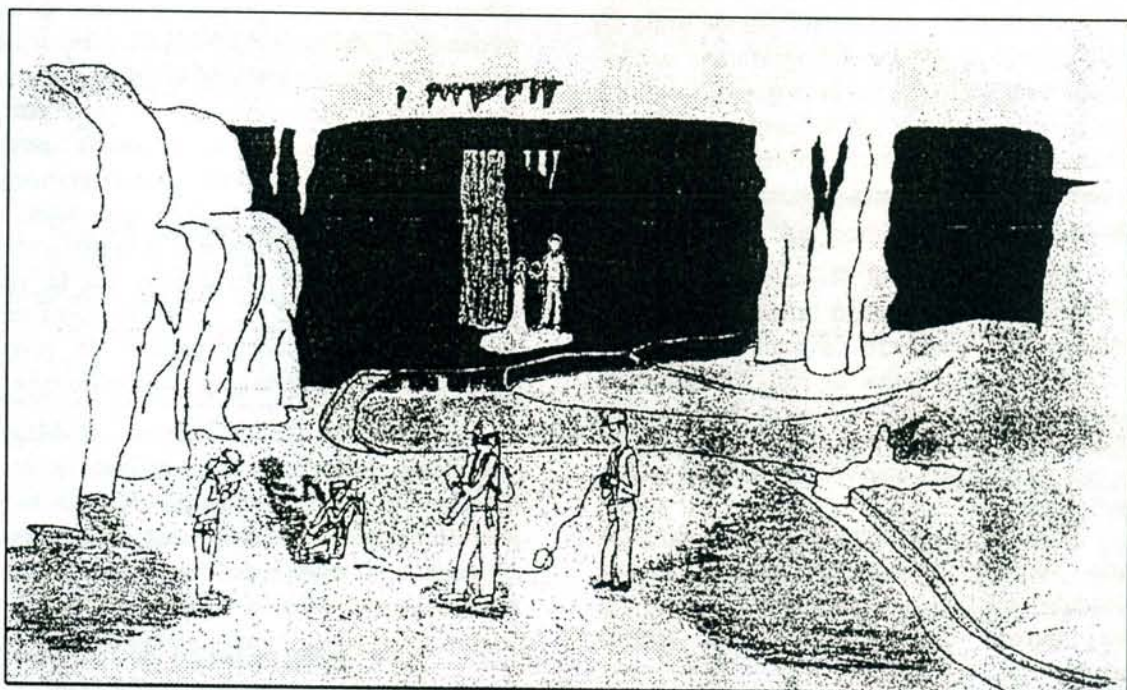


Fig. 31 : Topografia na Lapa do São Bernardo
Topographie dans São Bernardo [Isabelle Obstancias].